

MULHERES PENTECOSTAIS EM FAMÍLIAS RELIGIOSAMENTE PLURAIS

Lívia Fialho Costa*

RESUMO: *O trabalho discute o impacto da adesão religiosa em famílias caracterizadas pelo pluralismo religioso. Partimos de uma análise comparativa de casos de mulheres solteiras e mulheres casadas que aderiram a novas alternativas religiosas, a fim de compreender as negociações e conflitos que podem emergir no seio familiar quando um membro do casal toma a decisão de se converter solitariamente a uma religião.*

Palavras-chave: Pluralismo religioso; Neopentecostalismo; Família.

INTRODUÇÃO

Observando os cultos da Igreja Universal do Reino de Deus, dois aspectos parecem nunca escapar aos olhos até mesmo de um espectador menos atento : o primeiro deles é a ênfase que é dada ao corpo nos diferentes momentos rituais ; o segundo é o discurso que contrapõe a todo tempo o bem ao mal, o demônio ao Espírito Santo, a saúde à doença, a miséria à prosperidade. Se é verdade que esta forma maniqueísta de representar a realidade não é exclusiva do neopentecostalismo, a alternativa formulada por esta denominação, para alcançar o Bem, a ela é bastante característica : o exorcismo público do corpo possuído pode ser uma das vias de acesso ao Bem e a toda sorte de prosperidade material ou espiritual.

Mas o corpo na Igreja Universal não é apenas o receptáculo do demônio, como é evidenciado nos cultos entusiastas da Sexta-feira da Libertação. Nas narrativas, ou « testemunhos » públicos dos fiéis, o corpo é igualmente lembrado a todo momento: os convertidos têm a contar histórias de doenças incuráveis, pernas que não paravam de sangrar, mudanças bruscas de temperatura, dores de cabeça . Estas experiências corporais, que os convertidos descrevem sob o rótulo de “sofrimento”, têm um papel significativo dentro da trajetória de adesão. Assim, de um lado, temos a doença, o sofrimento e o Mal como temáticas que emergem no discurso dos fiéis como impulsionadoras da conversão ; do outro, uma liturgia que não só abre espaço à emergência de todas estas referências, como também torna o corpo o centro do seu ritual (a libertação). No entanto, acompanhadas de perto, as trajetórias de conversão (os porquês que se associam no percurso de adesão) apresentam informações que giram quase unanimemente em torno da família. Assim, problemas familiares dão a tônica das idas e vindas de mulheres a igrejas pentecostais (COSTA, 2002 ; MARIZ ; MACHADO, 1996).

Este trabalho é resultado de uma reflexão mais ampla acerca do processo de conversão ao neopentecostalismo - movimento pentecostal inaugurado no Brasil, em fins dos anos 70, com o nascimento da Igreja Universal do Reino de Deus. Trata-se de um trabalho qualitativo, cujos dados foram coletados através de entrevistas abertas, seguindo um roteiro que visava recuperar o sentido da conversão e da superação do mal para mulheres solteiras e casadas convertidas a Igreja Universal. Esse trabalho foi realizado entre os anos de 1998 e 2000, junto a fiéis convertidas e frequentadoras de um templo na cidade de Cachoeira, interior da Bahia. Atualmente, outras informações coletadas através da pesquisa « Socialização das crianças e

* Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales, França. Professora do Mestrado Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

pluralidade religiosa na esfera conjugal»¹ têm sido incorporadas à nossa discussão sobre conversão às ditas novas alternativas religiosas. Neste artigo pretendemos, tomando por base o depoimento de uma fiel, analisar a relação existente entre o corpo e a absorção do mal e o seu impacto sobre a família.

NEOPENTECOSTAIS

O fenômeno da emergência do pentecostalismo tem sido alvo de uma significativa produção, sobretudo no campo das ciências sociais. Porém é o chamado neopentecostalismo que ganhará espaço na mídia e na academia, sobretudo através de uma produção que gira em torno da Igreja Universal do Reino de Deus, principal representante deste movimento surgido no Brasil em 1977. Em Cachoeira, assim como em grande parte das cidades do interior dos estados brasileiros, a Igreja Universal chega em meados dos anos 80 do século passado. Nascida em 1977 de uma cisão da Igreja Nova Vida, a Universal faz parte do movimento chamado neopentecostal, que apresenta importantes distinções se comparado ao pentecostalismo que o Brasil conheceu até os anos 70. A aplicação de uma ética menos rígida e restritiva, a superutilização da mídia, o uso de fórmulas mágicas nos seus cultos e a prática do exorcismo público são alguns diferenciais (MARIANO, 1995). Desde os anos 80, esta nova onda pentecostal, que muitas vezes se aproxima de um «fundamentalismo» religioso, é cada vez mais visível no cenário religioso brasileiro. A Igreja Universal é a mais representativa em termos de número de fiéis e possui templos instalados em todas as capitais e principais cidades brasileiras². Sua instalação e expansão em zonas não urbanas, ou em pequenas cidades do interior, se dá nos anos 80. Apesar da participação cada vez mais numerosa de indivíduos originários de camadas médias da população, o principal público das igrejas neopentecostais faz parte das camadas mais desfavorecidas da população³: é uma massa popular afetada pela pobreza, pela miséria, pela ausência de uma efetiva proteção social e pela exclusão de um sistema de educação eficaz; é uma massa composta por doentes, desempregados, mulheres com dificuldades de sustentar a família (BURDICK, 1998). O neopentecostalismo se impõe a estes fiéis com um discurso que lhes permite encontrar um sentido para as suas vidas; sentido que eles perderam no curso de suas trajetórias de exclusão: o discurso da «possibilidade» ou da «potencialidade», a partir e através do qual cada fiel pode mudar o seu destino, utilizando os meios adequados, ou o «verdadeiro caminho» - aquele que ensina a Igreja.

Nascida na periferia do Rio de Janeiro, e, atualmente, com templos em quase todas as capitais da Europa, a Universal continua reunindo milhares de fiéis, que vão quotidianamente aos templos em busca de uma solução para problemas pessoais, familiares, espirituais e de ordem financeira. Baseada na tríade cura-exorcismo-prosperidade, a Igreja Universal propõe aos seus frequentadores uma "pedagogia da libertação" (COSTA, 2002) – um conjunto complexo de ritos

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ciências da Família e sob coordenação de Livia Fialho Costa e Christine Jaquet. O projeto conta com a participação de Leonardo Argolo Nascimento, bolsista de iniciação científica FAPESB.

² Uma estimativa datando de 1992 aponta o número de 15 milhões de pentecostais no Brasil, o que representa 10% da população nacional. Segundo o censo de 2000, os católicos representam 73,8%, significando uma queda de 10% com relação ao último recenseamento (1991 e 2000). Esta queda se verifica, certamente, por conta do aumento da penetração das igrejas pentecostais. (Cf. AUBRÉE, Marion. Un pentecôtisme d'origine brésilienne entre les populations immigrées d'Europe de l'Ouest. *Anthropologie et Sociétés*. Québec, vol. 27, n° 1, p. 65-84, 2003).

³ Numa pesquisa realizada em Salvador, constatou-se que aproximadamente 90% dos fiéis são mulheres, entre as quais 69,67% são donas de casa, sem rendimento mensal. Entre os 30% de mulheres que exercem atividades remuneradas apenas 5% ganham entre 1 e 2 salários mínimos. (Cf. GOMES, Wilson. Nem anjos, nem demônios. O estranho caso das novas seitas populares no Brasil da crise. In: ANTONIAZZI, Alberto *et al.* *Nem anjos, nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, Vozes, 1994).



que misturam magia e compromisso ético com os princípios da igreja. Porém, é ao exército de "verdadeiros" fiéis (convertidos, batizados, obreiros) que a Universal pode melhor destinar tal pedagogia. A pedagogia da libertação é uma espécie de aprendizagem de lide com as situações indesejáveis, compreendendo desde a oferta de sessões de exorcismo a orações e vigílias coletivas. Em contrapartida, a Igreja oferece uma série de oportunidades/serviços aos fiéis: creches, escolas, grupos de oração, passeios para a evangelização. Na literatura sobre o pentecostalismo no Brasil, muito se falou sobre os efeitos e transformações positivas na vida de fiéis graças à adesão a grupos pentecostais (AUBREE, 1985; MARIZ, 1994; MACHADO, 1996, NOVAES, 1985). Esses trabalhos mostram como o pentecostalismo pode ser, ao mesmo tempo, estratégia utilizada pelos indivíduos na conquista de mudanças em seus estilos de vida e um motor de inserção no mercado de trabalho ou ainda como "produtor" de famílias simbólicas, recompondo relações de solidariedade entre aqueles cujos laços sociais estão enfraquecidos. Assim, se, de um lado, todos esses "serviços" são, também, uma forma de garantir e expandir o seu público, por outro, num nível prático/simbólico, muitos fiéis aderem a essa proposta - vista como séria alternativa num processo de construção de um futuro "promissor e digno" arrastando consigo toda uma rede que começa com os filhos. A conversão do cônjuge é igualmente um ideal, mas nem sempre é alcançado, podendo ser a causa de uma série de discordâncias no seio do casal, inclusive no que diz respeito à socialização dos filhos.

FAMILIA E OPÇÃO RELIGIOSA

O catolicismo ainda é a principal religião do Brasil, ainda que o perfil religioso da sociedade brasileira tenha mudado nas últimas décadas com a emergência de novos modelos de crença⁴. Esta importante presença do catolicismo marcará profundamente o tipo de organização familiar. Porém, a partir dos anos 50, pode-se observar no Brasil a introdução de mudanças nos tipos de laços familiares até então observados. Essas mudanças podem ser compreendidas como um processo inaugurado com a expansão do capitalismo e, mais tarde, pela dinâmica da mundialização (MARTINS, 2000). Pode-se igualmente destacar, dentro do contexto da modernização acelerada entre os anos 50 e 70, muitos outros fatores que colaboraram com as transformações nos modos de organização da esfera doméstica brasileira. Trata-se das migrações campo-cidade e da urbanização, que favoreceram a aparição de novas práticas no interior das famílias, não mais determinadas pelo antigo imaginário patriarcal, mas pelo modelo nuclear constituído por pai, mãe, filhos e outros arranjos, incluindo padrastos, madrastas, filhos e enteados. Esta pluralidade de combinações é igualmente observada no tipo de organização dos grupos domésticos em Cachoeira. De uma maneira geral, o grupo doméstico – conjunto de pessoas coabitando num mesmo espaço/terreno/casa e que são consideradas como pertencentes à família, mesmo aqueles que não têm relação de consaguinidade – conta com várias pessoas e não é raro encontrar uma filha ou enteada que se casa e permanece na casa dos pais com o seu esposo e, posteriormente, com seus filhos, que serão criados sob o mesmo teto que suas tias e tios, às vezes até mais jovens que seus sobrinhos. A casa é muitas vezes coordenada pelas avós, que têm um papel importante na educação das crianças – mais uma, entre as suas várias responsabilidades. As famílias das entrevistadas não escapam a este modelo: várias casas são administradas por avós que sustentam economicamente todos os coabitantes, inclusive genros e noras desempregados. Nestes grupos domésticos, a pluralidade religiosa é fato comum, e as conversões e reconversões dão a tônica de várias desavenças.

⁴ Para uma análise dos efeitos da expansão do pentecostalismo no Brasil, ver AUBRÉE, Marion. *Dynamiques comparées de l'Eglise Universelle du Royaume de Dieu au Brésil et à l'étranger*. Apresentado no Congresso da AFSR, Paris/IRESCO, 7-8 de fevereiro de 2000, xerocopiado.



CONVERTENDO-SE A JESUS

Entre a maioria das entrevistadas, a conversão foi, em princípio, solitária, ou seja, a adesão de um membro da família não implicou a adesão imediata de outros, mesmo se, no final das contas, elas conseguiram a conversão de algum membro da família. As reações da família com relação à conversão de um de seus membros são sempre ambíguas, e a gravidade dos conflitos depende da posição ocupada pela convertida na hierarquia familiar. Em Cachoeira, nas famílias onde diferentes crenças estão representadas, os conflitos que emergem a partir da conversão não provocam exatamente uma quebra dos laços familiares. Conflitos podem explodir em toda situação em que indivíduos não partilham das mesmas idéias ou crenças. Analisaremos, a seguir, os contornos e configurações desses conflitos, tentando não perder de vista a consideração de que reações e conflitos devem ser compreendidos, observando-se a posição ocupada pelo convertido na hierarquia familiar.

A CONVERSÃO DE MULHERES SOLTEIRAS E CASADAS

Nas narrativas sobre a família das convertidas, aparece a idéia de que a reciprocidade entre os membros é o fator que caracteriza a união e permite a ausência de desavenças no seio familiar. A opção por outra religião por parte de mulheres solteiras, morando na casa de seus pais, pode ser o motivo para o surgimento de conflitos na família. Entretanto estes conflitos parecem ser causados menos por questões ideológicas relacionadas à religião escolhida do que pela quebra das responsabilidades que o convertido tem dentro do núcleo familiar. Assim, quando o sistema de reciprocidade familiar é bruscamente interrompido ou completamente destruído, causando alterações nos papéis quotidianos de seus membros, as atitudes de recusa ou exclusão são muito mais assoberbadas, podendo resultar em conflitos e divergências. A este respeito, observemos o que nos conta uma jovem que abandonou a religião da família para se engajar na Universal:

Eles me chamam de fanática; ficam dizendo que eu não quero fazer mais nada dentro de casa e que eu vivo deixando tudo o que fazer para ir pro templo. Às vezes, eu saio assim umas 7:00 da noite e vou para a igreja sem jantar, porque já está começando a reunião e o pastor não gosta que a gente chegue atrasado. Aí, quando eu volto prá casa, já comeram tudo, não deixaram nada. Então, como eu não tinha comido, aí eu também, eu acho, não sou obrigada a lavar os pratos e arrumar a cozinha. Você acha isso errado? Aí começaram as brigas lá em casa. Eu falei disso com o pastor, e também com umas obreiras que me conhecem, e eles me disseram pr'eu ter paciência e que era pr'eu arrumar a cozinha e ajeitar mais meus horários prá não criar problema em casa, né [...]". (Mônica, 25 anos, ex-católica, *obreira*, solteira, sem emprego)

Problemas desse tipo são comuns na trajetória de adesão das solteiras convertidas à Universal. Os conflitos parecem emergir de situações nas quais a conversão traduz-se como um engajamento mais importante com o templo, ou com uma nova rede social de apoio, em detrimento das obrigações domésticas e familiares.

Mulheres casadas convertidas à Universal têm sempre histórias de adesão relacionadas a um « sofrimento » familiar. A idéia de buscarem uma cura para um problema que afligia um dos membros da família surge em meio a uma situação-limite, de crise profunda, representada pela idéia do *fundo do poço*. Na ótica das convertidas, os maridos têm geralmente duas reações em

face de sua opção religiosa: em princípio, uma aversão, que elas traduzem como uma espécie de medo de que elas se tornem desinteressantes, chatas e falastronas; de que elas vistam roupas longas e feias – conjunto de características reconhecidas por indivíduos estranhos aos cultos pentecostais como sendo aquelas da maioria das mulheres crentes. A segunda preocupação dos maridos, na ótica das convertidas, é a de ver a sua mulher atender às exigências do pastor e chegar até a doar o dinheiro que deveria fazer parte do orçamento doméstico. Neste sentido, uma mulher conta sobre a reação de seu marido quando este descobriu que ela iria batizar-se na Igreja Universal e, assim, tornar-se efetivamente uma crente:

Hélio pensava que eu seria obrigada a colocar aquelas roupas de manga com aquelas calças ou saias cinzas. Ele tinha medo que eu virasse assim uma mulher insuportável, que fica pregando a Bíblia toda hora e que eu ia obrigá-lo a vir ao templo comigo [...] Aí eu comecei a entender que ele tinha medo: ele pensava que quando me tornasse crente eu ia brigar direto com ele, ainda mais quando ele tivesse bêbado. Foi o contrário, né? Ai ele foi vendo, foi notando que depois que eu virei cristã, eu fiquei assim diferentes, mais tolerante, né? E aí ele não entendia nada! No fim, ele começou a aceitar a minha crença. (Amélia, 39 anos, *obreira*, casada, dona-de-casa)

Os conflitos, na verdade, não parecem ter um caráter definitivo e grave e, tão logo os homens se dão conta da melhora nas relações familiares após a conversão da mulher, aceitam mais passivamente as idas e vindas da mulher ao templo, a participação nas reuniões e festas da igreja. Isto não significa, porém, ausência total de insultos e discussões. Algumas entrevistadas que já passaram por diferentes igrejas pentecostais, reconhecem que os maridos toleram mais a Universal, talvez porque neste caso as exigências e a ética comportamental são menos restritivas, permitindo à mulher acompanhar seus maridos em festejos públicos, por exemplo, sem que isso seja considerado um *desvio* da fé.

O abrandamento das restrições e limites impostos pela Universal são certamente fatores que desempenham um papel importante no processo de aceitação da conversão de mulheres por parte de maridos, professando outra ou nenhuma fé. A Igreja Universal é reconhecida no mundo evangélico como sendo uma denominação pouco rígida no que diz respeito às exigências comportamentais e éticas. Este tem sido apontado como um dos fatores que têm contribuído para um aumento do número de conversões a esta denominação neopentecostal. Entretanto famílias oriundas ou que mantêm relações com cultos afro-brasileiros e o espiritismo, não têm visto com bons olhos a conversão de um de seus membros. A mudança brusca, incentivada pelas orientações vindas do templo, dificulta socialmente a *passagem*, mesmo que esta seja pessoalmente facilitada pelo reconhecimento de elementos rituais que se sobrepõem e se «bricolam» num trabalho sincrético que mescla elementos de diferentes tradições. Nina, ex-umbandista, nos conta sobre os desacertos familiares após a sua conversão:

Eu não tinha jeito a dar, mesmo que eles pedissem eu não podia ficar servindo a dois Senhores: Deus e o Diabo. [...] Minha sogra, essa foi a pior, porque ela queria continuar no mundo da escuridão e eu não aceitava, porque Jesus é a luz. Ficamos sem se falar mais de ano, ela virava a cara e eu também; o que mais me feria era que ela era a pessoa mais importante da minha vida, a mãe que eu contava pra tudo. De repente me vi sozinha porque ela não aceitava que eu fosse pra igreja. Meu marido continuava bebendo e em más companhias e ela, como mãe, não via que eu estava cuidando da nossa família! E eu não me arrependia. Vinha. Todos os dias, todos os momentos que eu precisasse. Encontrei muitas formas de superar a falta que ela me fazia [...] Porque eu tive que abandonar tudo, né? aquelas coisas de diabo, de macumba.



As convertidas conhecem certas dificuldades quando a religião escolhida não corresponde a uma opção feita pela família, sobretudo quando estas desejam trazer para o templo outros parentes. Grande parte das entrevistadas têm como « religião de berço » o catolicismo. A decisão de tornar-se crente resulta normalmente do contato com outras crentes, freqüentemente vizinhas, amigas ou colegas da escola. Em princípio, tal escolha parece não ocasionar conflitos no seio da família, principalmente porque, na maioria dos casos, a conversão não é uma quebra súbita com o catolicismo : ao contrário, as ex-católicas entrevistadas dizem ter uma religião de « família » ou de « berço », mas não praticá-la, no sentido de não ter realmente qualquer engajamento *vis-à-vis* à igreja católica. O mesmo tipo de argumento não parece ser partilhado por ex-umbandistas ou ex-espíritas declaradas. Estas, ao contrário, narram um história de abandono repentino de suas práticas, como uma descoberta mágica do verdadeiro caminho e a necessidade de sair do *mundo da ignorância* e do *mal* – representação veiculada pela Igreja Universal a partir, sobretudo, dos escritos de Edir Macedo sobre as religiões dos *espíritos* (MACEDO, 1996). Nestes casos, o engajamento em uma nova rede social, confessional, coloca problemas para os membros da família, à medida que ameaça não somente a rede de reciprocidade e apoio cotidiano, mas também porque o tipo de *passagem* de uma crença a outra é muito mais abrupto. Assim, um outro fator que deve ser levado em consideração nessa dinâmica de emergência de conflitos em famílias religiosamente plurais é o grau de engajamento do indivíduo e da sua família na « religião de origem ».

CONSIDERAÇÕES

Não podemos colocar em dúvida a importância da família no que concerne à formação dos « gostos » dos indivíduos, dos filhos. O estilo de vida, o tipo de educação, a opção religiosa são referências construídas no seio familiar. Entre as entrevistadas casadas, aparece a idéia de que a família é o contexto social mais importante, responsável pela formação dos valores morais de cada membro. É no seio da família que circulam as expectativas e as « concepções de pessoa » produzidas e reproduzidas socialmente. A introdução de novos valores, a mudança ou ruptura de expectativas são fatores que promovem mudanças nos papéis, redefinindo a dinâmica familiar. Nas narrativas femininas, esta redefinição está geralmente associada ao surgimento de doenças ou à negligência do marido em face do desempenho do papel que lhe fora atribuído na hierarquia familiar. É freqüentemente nessas situações que as mulheres dizem ter descoberto a Igreja Universal: o momento em que a família perdia a sua referência moral, e o sistema de reciprocidade e solidariedade já não se sustentava como antes. Nessa situação, os conflitos e desavenças dão a tônica das relações intrafamiliares e a adesão a uma nova religião é apenas mais um tema entre os vários que movimentam as brigas do casal. A conversão a uma *igreja de crente* pode, às vezes, revelar-se útil na administração dessa brigas.

De uma maneira geral, o pentecostalismo movimenta e chama a atenção de uma população feminina por conta da ênfase que dá à problemática da família (MARIZ ; MACHADO, 1996). O culto dedicado à família, « quinta-feira da família », é um dos mais freqüentados por mulheres. Elas vão fielmente ao templo a fim de se engajarem ou de darem continuidade às *correntes* para extermínio do mal e de toda sorte de problemas domésticos; trata-se notadamente de problemas de relacionamento com o marido e/ou com os filhos. A conversão é, assim, um retorno à casa. Comum às narrativas das convertidas solteiras e casadas é a representação da casa como espaço-ideal, espaço protegido, respeitoso, harmonioso: qualidades de uma verdadeira « casa de crente ». Interrogadas a respeito do significado da casa e da rua, mulheres convertidas estabelecem constantemente uma associação entre casa e proteção, local onde se constroem relações de reciprocidade; por oposição, o espaço da rua está sempre associado a uma ameaça. A rua torna-se no discurso pentecostal o espaço privilegiado da ação do

demônio; um lugar anônimo onde circulam os Outros, os *exus*, os não-cristãos, os mendigos, os drogados, os prostituídos, os sem-família (DAMATTA, 1984).

Nas entrevistas, encontramos constantemente a idéia segundo a qual a conversão à Igreja Universal produz uma reaproximação entre a mulher convertida e o espaço doméstico. Aquilo que, antes da conversão, representava um suplício, torna-se um prazer: ficar em família e reconstituir os laços; voltar-se para a família significa, principalmente, uma reconciliação com o seu papel social de mulher, esposa e mãe. Analisando casos de conversão, tanto de solteiras quanto de casadas, desvendamos o núcleo central do discurso pentecostal acerca da família: um discurso que, ao pregar o retorno à casa e incentivar a auto-reflexão baseada numa interpretação literal de ensinamentos bíblicos (notadamente as epístolas de Paulo), colabora para uma acomodação da mulher. A ideologia da igreja contribui, assim, para uma satisfação dos homens não-convertidos, dado que, por um lado, reforça a condição de submissão da mulher ao homem e, por outro, prega a não ruptura da mulher com o grupo doméstico, mesmo que neste ela se sinta subjugada e desprezada. Para alguns maridos, a conversão da mulher à Igreja Universal não coloca a sua autoridade em perigo, ao contrário, ela reforça a sua posição de « chefe de família», hierarquicamente a pessoa mais importante do grupo doméstico e a quem todos devem respeito. As mulheres convertidas, em regra geral, não discutem sua submissão ao marido. Com efeito, elas não fazem senão reproduzir o discurso comumente veiculado na sociedade acerca do papel da mulher: nada mais do que uma colaboradora do marido na vida da família; a ele cabe o trabalho, o sustento e a moral do grupo doméstico. Quando necessário, em função das necessidades da família, a mulher deve trabalhar, ajudar o marido a aumentar o orçamento doméstico. Na verdade, a ideologia da IURD não promove uma ruptura ou introdução de valores mais igualitários no que diz respeito à relação homem/mulher. Ao contrário, o discurso da igreja confirma certos valores que estão ancorados em modelos desiguais de feminino e masculino.

BIBLIOGRAFIA

ANTONIAZZI, A. et al. *Nem anjos, nem demônio: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*, Petrópolis, Vozes, 1994.

AUBRÉE, M. Un pentecôtisme d'origine brésilienne entre les populations immigrées d'Europe de l'Ouest. *Anthropologie et Sociétés*, Québec, vol. 27, n° 1, Québec, p. 65-84, 2003.

AUBRÉE, M. Dynamiques comparées de l'Eglise Universelle du Royaume de Dieu au Brésil et à l'étranger. Apresentado no Congresso da AFSR/IRESKO, 7-8 de fevereiro de 2000, Paris, xorocopiado.

COSTA, L. F. *Qu'est-ce qui fait crier les crientes. Émotion, corps et délivrance à l'Église Universelle du Royaume de Dieu*. Tese de doutorado. Paris, EHESS, 2002.

BIRMAN, P. Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens. *Pentecostes e Nova Era: Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n° 17, 1996.

BURDICK, J. *Procurando Deus no Brasil: a Igreja Católica progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

DAMATA, R. *A casa e a rua : espaço, cidadania, amor e morte*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

MACEDO, E. *Orixás, caboclos e guias: anjos ou demônios?* Rio de Janeiro: Gráfica Universal,



1996.

MARIANO, R. *Neopentecostalismo*. Os pentecostais estão mudando. Dissertação de Mestrado, USP, 1995.

MARIZ, C. ; MACHADO, M. D. C. Pentecostalismo e redefinição do feminino. In: *Pentecostes e Nova Era: fronteiras, passagens*. Rio de Janeiro, nº 17, 1996.

MARTINS, P. H. Religiosité des Thérapeutes Alternatifs - un syncrétisme gracieux. Apresentado na Semaine Brésil 2000, Paris, 16-20 Out., 2000, xerocopiado.